



CAIO RITER

# Os Dentes da Noite

*edelbra*



OS DENTES DA NOITE

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edel**

**ra**

**edelbra**

**edelbra**

edelbra

CAIO RITER

edelbra

# Os Dentes da Noite

Ilustrações de Rogério Coelho

edelbra

edelbra

edel

ra



edelbra

edelbra

1ª EDIÇÃO, 1ª IMPRESSÃO

COORDENAÇÃO EDITORIAL – Elaine Maritza da Silveira

PROJETO GRÁFICO – Juliana Dischke

CAPA E EDITORAÇÃO – Laura Guidali Amaral

ILUSTRAÇÕES – Rogério Coelho

REVISÃO – Press Revisão

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R493d

Riter, Caio, 1962-

Os dentes da noite / Caio Riter ; ilustrações Rogério Coelho. - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2013.

152 p. : il. ; 23 cm. (Medo ; 2)

ISBN 978-85-66470-35-2 (Capa Dura)

ISBN 978-85-66470-36-9 (Brochura)

I. Literatura infantojuvenil. I. Coelho, Rogério. II. Título. III. Série.

13-05331

CDD: 028.5

CDU: 087.5

---

2013

Edelbra

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

DIÁRIO DO CATIVEIRO  
· 9 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 2  
· 14 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 3  
· 18 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 4  
· 23 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 5  
· 30 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 6  
· 40 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 7  
· 46 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 8  
· 52 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 9  
· 57 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 10  
· 66 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 11  
· 72 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 12  
· 79 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 13  
· 86 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 14  
· 93 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 15  
· 99 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 16  
· 110 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 17  
· 116 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 18  
· 125 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 19  
· 131 ·

DIÁRIO DO CATIVEIRO 20  
· 137 ·

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edel**

**ra**

**edelbra**

**edelbra**

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edel

ra

edelbra

edelbra

As trevas.  
Em meio a elas, os dentes da noite são sempre  
mais e mais trevas.

C.C.Rethir



edelbra

RESPEITE O DIREITO DE AUTORIA - REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

## DIÁRIO DO CATIVEIRO

Meu nome é Maria, tenho 16 anos. E, às vezes, custo a acreditar que vivi o que vivi. Você acredita em vampiros? Acredita naqueles seres notívagos, que se alimentam de sangue e dormem em caixões? Eu também não acreditava. Duvidava que esses seres do além existissem de fato. Até quê. Até que a minha vida deu uma reviravolta enorme. Nunca pensei que pudesse passar pelo que tô passando, nunca. O medo, agora, acho que não existe mais. E, se existe, eu já aprendi a conviver com ele. Melhor assim. Melhor que tudo se resolva logo e que quem tem que ser protegido seja. Melhor.

Talvez eu deva contar do início. Aí, quem sabe, você possa entender o que aconteceu comigo. Sei lá. Só peço que, ao encontrar esse meu relato, você o divulgue. É preciso que isso tenha um fim. Senão, sei lá o que pode acontecer.

Tudo começou bem antes de hoje. Agora, estou presa neste quarto escuro. Sei que eles, lá no grande salão, estão reunidos, decidindo meu destino. E o voto da Marta, eu sei também, será contra mim. Ela tem lá os motivos dela.

Se eu soubesse (mas a gente nunca sabe o que nos prepara o futuro), não teria viajado com minha mãe. Teria dito não. Teria brigado, discutido, me recusado a ir.

Mas fui.

E agora é tarde para arrependimentos.

A mãe de Maria entrou em casa correndo. Mal bateu a porta atrás de si e chamou o nome da filha. A garota voltou-se, meio contrariada. Detestava aquelas entradas intempestivas da mãe. Detestava a animação da mãe, sempre com ideias novas de passeios, de pratos, de máquinas para a casa: panificadora, iogurteira, panela elétrica, sanduicheira, omeleteira, enfim, uma parafernália que, na maioria das vezes, pensava Maria, só servia mesmo para ocupar espaço e para diminuir a grana disponível em casa.

— Maria — ela suspirou, atirando o corpo na poltrona, bem em frente à televisão.

Pronto, pensou Maria, lá se foi o meu seriado. Ainda bem que amanhã repete. Saco.

— Maria — repetiu a mãe. — Escuta isto.

E ficou ali a falar da viagem. Do mês que passariam numa pequena cidade italiana: Vicenza. E tudo pago pela agência, filha. Quer algo melhor que isso? Não, Maria não queria. De fato, viajar era algo que a atraía. Mas viajar com as amigas, é claro. Não com a mãe. Não achava, nem ela nem suas amigas, que atravessar o oceano na companhia materna fosse programa divertido. Não estava mais naquela fase de que programas familiares eram situações agradáveis.

Porém, como falar isso tudo para a mãe? Podia? Sorriu e deixou que ela tecesse comentários sobre a cidadezinha. Havia pesquisado na internet, tudo bem antiquinho, cheio de pequenas ruazinhas. Ah, Maria, minhas colegas da agência que já foram lá me

disseram que é tudo muito bonitinho. A mãe era mesmo assim: bastava se empolgar um pouco para que sua fala fosse inundada por diminutivos, numa avalanche, quase tsumani. Maria já estava acostumada. Era sempre tudo igual. Cada vez que a mãe criava uma nova propaganda para a agência, era isso: empolgava-se, e os “inhos” saltavam de sua boca numa proporção inusitada.

— Então, filha, o que você me diz? Não é bárbaro? Ah, estou bem animadinha.

E dali até o final do mês, malas e aeroporto, o tempo voou. Pelo menos Maria pensou assim. Claro que preferia ficar com o pai, mas a mãe não permitiu. Ganhei passagem para acompanhante também. E, depois, teu pai já tá namorando. Ah, filhinha, é lógico que você vai. Será divertidíssimo. Imagina, só nós duasinhas, na Itália.

— Já tô imaginando, mãe. Já tô.

Maria era menina tranquila. Daquelas que adoram um livro, que curtem ficar em casa, quietas nos seus cantos. O oposto da mãe, aliás. As amigas de escola eram poucas: a Verônica e a Marta. As melhores. Se bem que a melhor-melhor era mesmo a Marta. Com ela, as confidências mais confidenciais, como, por exemplo, o Samuel. Ah, e tinha também o Paul, o bendito o fruto entre as mulheres, como elas o apelidaram. Na verdade, Paulo Marcos. Mas ele preferia Paul. Dizia ser mais requintado e tal. Assim, para Maria, a viagem de um mês à Itália não era motivo de alegria. Ao contrário. Estresse tremendo na arrumação de malas: a escolha de roupas sempre o pior de tudo.

— Não esquece as botas — alertou Verônica. — Dizem que lá é frio de doer até a alma.

— Não sei. Sei lá.

— Ah, Maria, parece até que você nem tá curtindo a viagem?

— Agora era Paul. — Imagina se minha mãe me convida pra ir à Itália? E ainda sem o meu pai? Perfeito.

— Olha, Paul, não tô mesmo. Preferia passar as férias aqui, com vocês. Aposto que ia ser bem mais legal.

— Ia mesmo — falou Marta, sorriso de entendimento. A ausência da amiga seria espaço de silêncio na troca de confidências. O Skype até ajudava, mas passar a noite inteira trocando ideias, rindo, debochando de tudo e de todos, era muito legal.

Todavia.

Todavia, foi assim: depois das malas prontas, os amigos no aeroporto. O avião. O voo. E aquele rapaz estranho, piercing na sobrelanceira esquerda e no lábio, que não tirava os olhos dela. Até a mãe notou.

— O garoto de preto não tira os olhos de ti, filha.

Maria olhou na direção do rapaz. Ele sorriu. Ela sorriu também. Após, virou o rosto para a janela: garotos com piercing, vestidos de preto, não eram seus preferidos. Afinal, diante do Samuel, qualquer jovem — segundo ditava o coração de Maria — perdia o seu charme, mesmo que o tivesse. O Samuel era tudo: cabelos crespos, olhos profundamente escuros, como ela costumava dizer, e, além do mais, estudioso. Queria ser médico,

disse, certa vez, em uma das aulas. Pois o Samuel ficara no Brasil.  
No avião, apenas o garoto de preto.

Lá fora, a amplidão do céu. Ali dentro, sobretudo no dentro do peito de Maria, uma enorme vontade de chorar. Uma saudade de tudo. Apertou o escapulário de prata que trazia pendurado no pescoço, presente da avó.

Tentativa de menos saudade.

## DIÁRIO DO CATIVEIRO 2

Ah, e eu lá, naquele avião, me sentindo presa, não querendo estar ali, mas estando. Minha mãe, pra variar, toda animada e eu não querendo jogar água fria na animação dela, mas se soubesse, ah, se eu soubesse, teria resistido, teria ficado no Brasil e nada, nada mesmo, do que aconteceu teria acontecido. Agora, só resta esperar a decisão deles. Até quando, até quando? Difícil dizer. Aliás, nem sei direito quanto tempo tenho para escrever esse meu relato. Não sei. Tudo muito confuso. Muito. Melhor ser mais rápida. Melhor vomitar tudo o que sei, o que vivi, mesmo que isso possa parecer impossível, inacreditável, fruto da mente doentia ou imaginativa de uma adolescente.

Acredite em mim.

Repito, por favor, acredite, é tudo verdade. Por mais estranha e inverossímil que possa parecer, tudo o que digo é a mais verdadeira verdade. Vampiros existem. Existem, sim. E, por vezes, estão mais perto da gente do que a gente possa imaginar.

Basta um vacilo e viramos presa deles.

Um vacilo apenas.

OS DENTES DA NOITE

· 14 ·

A viagem deu-se como se dá a maioria das viagens. Uma ou outra turbulência, que interrompeu a leitura que, naquele momento, Maria fazia, porém não perturbou o sono de sua mãe. A mulher, cabeça mal-acomodada na poltrona, ressonava tranquila, talvez sonhando com a Itália.

Maria, no entanto, não sonhava. Mergulhada no livro de aventuras, vez ou outra pensava no tanto de altura em que estava. Bastaria um deslize qualquer e tudo seria nada. Sabia que aqueles pensamentos não trariam tranquilidade. Aliás, por vezes se angustiava, se achava diferente, muito diferente dos amigos. Não os percebia seres atormentados, como ela. Não os via reclamar de nada, se angustiar com nada, tudo parecendo tão tranquilo, tão *whatever* em suas vidas. Quando os pais da Verônica se separaram, por exemplo, ela nem ligou muito. Só viu as vantagens do fato. Chegou a fazer uma lista que apresentou aos amigos.

1. Duas casas. Portanto, dois quartos.
2. Presentes e mais presentes da namorada do pai, do namorado da mãe; presentes do pai, presentes da mãe. Muitos presentes. Presentes de montão.
3. Menor vigilância da mãe. Ela mais livre, mais solta. Até nota baixa estava podendo tirar.
4. Se o pai dizia não, a mãe sempre podia dizer sim. E vice-versa, claro.

E foi elencando uma lista enorme do que ela chamava de vantagens, e Maria só pensando na falta que o seu pai fazia em

casa; ela mesma querendo que a mãe e o pai voltassem às boas e, quem sabe, até lhe dessem uma irmã. Mas havia uma namorada. O pai tinha uma namorada. Coisa estranha de se viver: a namorada do nosso pai não é a nossa mãe, pensava Maria.

— Você só pode tá louca, Maria — foi o que Verônica comentou. — Imagina, uma irmã? Cruzes. Irmão é castigo.

Maria discordava.

E, por discordar daquilo que a Verônica, a Marta e o Paul julgavam certo (Irmãos são atraso de vida, dizia o Paul, são, sim), é que a garota se achava estranha. Suas dores não eram as dores dos amigos; seu pensar a vida não era o mesmo pensar deles. E, então, a saída era apenas silenciar. E sentir-se sozinha, vazia de acolhida. Falar com quem? Com a mãe não queria. O pai, cada vez mais distante. Só queria viajar com a namorada loira e alta, magra e alta, lábios grossos e alta, bem-sucedida e alta. Toda alta. Uma girafa. Ah, se pelo menos o Samuel a olhasse um pouquinho, um pouquinho só, tudo seria bem melhor.

Era isso em que ela pensava.

Era isso que a fazia deixar o livro caído sobre o colo.

Era isso que a fazia observar a mãe.

Quem sabe aquela viagem não seria motivo para elas poderem conversar sobre o tanto de solidão que Maria sentia? O pai fora de casa, a mãe aparentemente tocando sua vida, tudo querendo ser normal. Só querendo. Mas não sendo.

Pelo menos para ela, não sendo.

Os olhos do garoto de preto do outro lado do corredor. Maria voltou-se para ele. Não gostava daqueles olhos sobre si. Então, ligou o monitor. Um filme poderia fazer o tempo passar mais rápido.

Talvez.

  
DIÁRIO DO CATIVEIRO 2

· 17 ·

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edel**

**ra**

**edelbra**

**edelbra**

## Sobre o autor

### CAIO RITER

Uma história sempre produz ecos no dentro da gente. Gosto de vampiros, acho-os fascinantes; são seres de trevas, mas, ao mesmo tempo, criaturas que sofrem a dor da imortalidade. Ser imortal (no caso de um vampiro) significa sacrificar o outro. Esse o drama maior.

Dá meu interesse em criar a Maria. Ela traz em si um pouco do que eu acredito que deva machucar um ser que carece do sangue do outro para viver. Assim, mergulhar neste universo de sombras, de dentes que fúram a pele da noite, foi um prazer meio doloroso. Acho que sofri com a Maria seus problemas de adolescer, sua dor de saber-se a um passo do vampirismo, seus conflitos amorosos e familiares.

Histórias assim me encantam, possibilitam mergulho num mundo não meu, mas também muito meu. Não, não sou vampiro. Sou escritor (não que um escritor não possa ser vampiro...). Bem, o certo é que sou mortal, não me alimento de sangue humano (às vezes, um churrasco mal passado, e só), vivo em Porto Alegre, no sul do Brasil. Sou doutor em Literatura Brasileira e professor. Recebi alguns prêmios literários, o que me fez acreditar ainda mais que aquilo de que mais gosto de fazer é inventar tramas, é criar personagens. E, como o Rogério, que ilustrou este livro, também durmo à noite. E na cama. Não num caixão.

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edel**

**ra**

**edelbra**

**edelbra**

## Sobre o ilustrador

### **ROGÉRIO COELHO**

Cada história tem seu clima, sua temperatura. Quando ilustro um livro, mais do que fazer um trabalho, estou pondo o pé – ou as mãos – em outro mundo.

E o mundo que encontrei no texto do Caio Riter é o mundo da noite, do escuro, das lembranças do que faz a gente sentir medo; medo de não ver o que dizem os olhos de alguém, medo de ver no que as sombras vão se transformar, e o medo do que existe além delas. Deixar que as manchas e pinceladas conduzissem o leitor noite adentro foi a minha tarefa, por isso escolhi um desenho denso e carregado, cheio de sombras e de nuances.

Trabalho como ilustrador desde 1997 e já ilustrei muitos livros, revistas e cartazes. Particpei de várias exposições e recebi premiações pelo meu trabalho, entre elas o Prêmio Jabuti em 2012 na categoria didático/paradidático e o selo “Altamente Recomendável” pela FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil –, além do primeiro lugar no Salão Internacional de Desenho para Imprensa de Porto Alegre, em 2007, na categoria ilustração editorial.

Moro em Curitiba e costumo dormir à noite.

# Os Dentes da Noite



Vampiros são seres de trevas, sugadores de sangue humano, almas perdidas entre a vida e a morte que povoam o imaginário nas mais diferentes culturas. Homens e mulheres sem reflexo no espelho, criaturas que fogem da luz solar, que se escondem nos subterrâneos, nos porões. Isentos de compaixão, matam suas vítimas retirando-lhes até a última gota de sangue.

**edelbra**

ISBN 978-85-66470-36-9



9 788566 470369